



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS (IFTO) – CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

JEANE ALVES SILVA

**UM OLHAR HISTÓRICO-TOPONÍMICO SOBRE AS RUAS DE SÃO FÉLIX
DO TOCANTINS**

**PALMAS - TO
2020**

JEANE ALVES SILVA

**UM OLHAR HISTÓRICO-TOPONÍMICO SOBRE AS RUAS DE SÃO FÉLIX
DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Palmas, como requisito parcial para aprovação no curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias.

PALMAS - TO
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S586o Silva, Jeane Alves
Um olhar histórico - toponímico sobre as ruas de São Félix do Tocantins
/ Jeane Alves Silva. – Palmas, TO, 2021.
55 p. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2021.

Orientadora: Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Onomástica. 2. Antropotoponímia. 3. São Félix. I. Dias, Ana Lourdes
Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

JEANE ALVES SILVA

**UM OLHAR HISTÓRICO-TOPONÍMICO SOBRE AS RUAS DE SÃO FÉLIX
DO TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Palmas, como requisito parcial para aprovação no curso de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias.

Aprovado em: ____/____/2021.

Profa. Doutora Ana Lourdes Cardoso Dias (Presidente)
IFTO – CAMPUS PALMAS

Profa. Mestre Verônica Ramalho Nunes (Membro da Banca)
IFTO – CAMPUS PALMAS

Prof. Mestre Rodrigo Vieira do Nascimento (Membro da Banca)
UNITINS – CAMPUS PALMAS

Palmas - TO
2021

*Aos meus pais, Dorilene e Quirino, e aos meus
irmãos, Wesley, Valnoisa, Welton e Ranyere.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo dessa jornada árdua, surgiram sentimento de insegurança e medo. Foram 4 anos de muitas lutas, desânimos e preocupações. No entanto, muitas pessoas exerceram um papel importante e encorajador em minha vida, no qual me deram forças para chegar até aqui. Hoje, meu coração é grato por todas essas contribuições que nunca me deixaram olhar para trás e me impulsionaram, de alguma forma, a realizar este sonho.

A Deus, em primeiro lugar, por todas as vezes que a insegurança e o medo me faziam querer desistir, e Ele, com sua infinita graça e bondade, deu-me forças para seguir em frente.

Aos meus pais, Dorilene Alves Pereira e Quirino da Silva Rodrigues, por sempre sonhar comigo e acreditar no meu potencial. Sempre incentivaram seus filhos a estudar e “serem alguém na vida”, não medindo esforços para os verem formados. Tudo por vocês, para vocês e com vocês!

Aos meus irmãos, Wesley, Valnoisa, Welton e Ranyere, por todo o apoio, palavras de conforto e compreensão.

Ao Paulo Vitor Rodrigues de Melo, um amigo que o IFTO me presenteou, pelos 4 anos de parceria e companheirismo. Nessa fase final da faculdade, no Trabalho de Conclusão de Curso, foi a pessoa que mais me ouviu e me deu ombro amigo para suportar as inquietações enfrentadas nesse processo.

Ao Maycon Kener Almeida Silva, meu noivo, pela compreensão e por todas as palavras de incentivo. Espero compartilhar muitos outros sonhos com você!

À professora Ana Lourdes Cardoso Dias por me apresentar o universo da Onomástica, em especial, a Toponímia, e aceitar com muito amor, carinho e paciência, o desafio de me orientar neste trabalho.

À banca composta pela professora Ma. Verônica Ramalho e professor Me. Rodrigo Vieira do Nascimento, por aceitar ler o meu trabalho e dar suas contribuições.

A todos os professores do IFTO pelas contribuições e por todos os ensinamentos passados em cada disciplina ministrada no decorrer do curso.

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

(Manuel Bandeira)

RESUMO

O presente trabalho consiste em um estudo toponímico que tem como objetivo investigar as razões que motivaram a escolha dos nomes de quatorze ruas com nome de pessoas, do município de São Félix do Tocantins. Posto isto, a Onomástica é uma área da linguística que se responsabiliza pelo estudo dos nomes próprios e subdivide-se em duas disciplinas: a Antroponímia, que estuda os nomes de pessoas, e a Toponímia, que estuda os nomes de lugares, ruas, rodovias, dentre outras, e é o foco deste trabalho, com ênfase na antropotoponímia, que são nomes de lugares batizados a partir de nomes próprios individuais. Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada por meio do levantamento bibliográfico. Para tanto, fundamenta-se a pesquisa nos pressupostos teóricos de Guiraud (1980) e Ullman (1964), tratando da semântica e signo linguístico; os dicionários etimológicos Cunha (2007), Houaiss (2001) e Guérios (1981), para tratar da Onomástica, bem como da Toponímia, fundamenta-se em Dick (1990;1992;2004), a fundadora da Toponímia no Brasil, Dias (2013;2016) e Solís (2018); e para construção do processo de formação histórica da cidade, com o intuito de compreender quem eram essas pessoas, fundamentou-se, principalmente, em Le Goff (1924), Joutard (2000) e Halbwachs (2003), em se tratando da importância da memória oral. A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, com um roteiro prévio de perguntas, com alguns dos primeiros moradores do município. Essas entrevistas semiestruturadas foram realizadas através de gravação de áudios do aplicativo Whatsapp, com perguntas pré-formuladas. Para análise, utilizou-se o modelo taxonômico de Dick (1990;1992), subdivididas em 27 taxonomias, sendo 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural. Esse modelo foi adaptado de acordo com a necessidade do trabalho, considerando alguns elementos e acrescentando outros. Os resultados obtidos estão de acordo com o que se esperava no início desse trabalho, em que essas nomeações foram motivadas pelas contribuições dessas pessoas desde o início da formação do município, como os primeiros moradores, as primeiras pessoas a introduzirem o comércio no local e a homenagem a parentes próximos de políticos que estavam no poder.

Palavras-chave: Onomástica; Antropotoponímia; Memória oral; São Félix.

ABSTRACT

The present work consists of a toponymic study, which aimed to investigate the reasons that motivated the choice of names of fourteen streets named after people, in the city of São Félix do Tocantins. That said, Onomastics is an area of linguistics that is responsible for the study of proper names, and is divided into two disciplines: Anthroponymy, which studies the names of people, and Toponymy, which studies the names of places, streets, highways, among others, and is the focus of this work, with an emphasis on antropotonímia, which are names of places named after individual proper names. This is a qualitative research, based on a bibliographic survey. Therefore, the research was based on the theoretical assumptions of Guiraud (1980) and Ullman (1964), dealing with semantics and linguistic sign; the etymological dictionaries Cunha (2007), Houaiss (2001) and Guérios (1981); to deal with Onomastics, as well as Toponymy, it was based on Dick (1990;1992;2004), the founder of Toponymy in Brazil, Dias (2013;2016) and Solís (2018); and for the construction of the city's historical formation process, in order to understand who these people were, it was based, mainly, on Le Goff (1924), Joutard (2000) and Halbwachs (2003), when dealing with the importance of oral memory. Data collection took place through semi-structured interviews, with a previous script of questions, with some of the first residents of the municipality. These interviews were conducted through audio recording from the Whatsapp application. For analysis, we used Dick's taxonomic model (1990; 1992), subdivided into 27 taxonomies, 11 of which were physical in nature and 16 were anthropocultural in nature. This model was adapted according to the work's needs, considering some elements and adding others. The results obtained are in line with what was expected at the beginning of this work, in which these appointments were motivated by the contributions of these people since the beginning of the formation of the municipality, as the first residents, the first people to introduce commerce in the place and the tribute to close relatives of politicians who were in power.

Keywords: Onomastics; Anthroponymics; Oral memory; São Félix.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa localizando São Félix do Tocantins	33
Imagem 2: Praça central de São Félix do Tocantins	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Motivos toponímicos e ideais	23
Quadro 2: Taxonomias de natureza física	24
Quadro 3: Taxonomias de natureza antropocultural	24
Quadro 4: Modelo de ficha lexicográfico-toponímica	38
Quadro 5: Ficha lexicográfico-toponímica adaptada de Dick (2004)	39
Quadro 6: Classificações toponímicas dos nomes das ruas de São Félix do Tocantins	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – LÉXICO E ONOMÁSTICA: TOPONÍMIA E ANTROPONÍMIA.....	13
1.1 O Léxico	13
1.2 A Onomástica.....	17
1.3 Toponímia histórica	19
1.4 Objeto de estudo da Toponímia: do signo linguístico ao signo toponímico	20
1.5 Antropotoponímia.....	27
CAPÍTULO 2 - FORMAÇÃO HISTÓRICA DE SÃO FÉLIX DO TOCANTINS.....	31
2.1 Memória oral: aspectos e contribuições para os estudos toponímicos.....	31
2.2 São Félix do Tocantins: contexto histórico.....	33
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

Atualmente, as pessoas pouco se preocupam com questões relacionadas às coisas que nomeamos ou aos motivos que nos levam a nomeá-las. Desse modo, a Onomástica é uma área da linguística que se responsabiliza pelo estudo dos nomes próprios de forma universal, tendo a Toponímia e Antroponímia como subáreas, distinguindo-se pelos seus objetos de estudo. Segundo Dick (1992), a Toponímia, foco desta pesquisa, está diretamente ligada ao estudo dos nomes de lugares, rios, estradas, ruas, dentre outras. De outro modo, a Antroponímia é a disciplina encarregada de estudar os nomes de lugares batizados com nomes de pessoas, sobrenomes/prenome ou apelido de família.

Isto posto, o presente trabalho propõe analisar fatores que motivaram e/ou influenciaram diretamente na escolha dos nomes das ruas de São Félix, município do Estado do Tocantins, com nomes de pessoas. Para tanto, para chegar obter esses resultados, a pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: Quais motivações fundamentam as escolhas dos nomes das ruas de São Félix do Tocantins, com nomes de pessoas? Quais fatores englobam essas motivações? São fatores políticos ou sociais? Quais referências socioculturais tiveram essas pessoas no processo de formação dessa cidade que justifiquem as homenagens por meio da nomeação das ruas?

A partir desses questionamentos e da afirmativa de que toda nomeação traz consigo uma razão ou motivação pela qual foi assim denominada, elaborou-se a hipótese de que as ruas de São Félix do Tocantins nomeadas a partir de nomes de pessoas que moravam no local e contribuíram diretamente no processo de formação do município. Portanto, nomear as ruas da cidade com nomes dos próprios moradores foi uma forma de homenagear e registrar os feitos desses contribuintes.

Segundo o IBGE (2020), há 10 municípios brasileiros batizados com o topônimo São Félix, espalhados por vários estados do Brasil. Doravante, será citado sempre “São Félix” tendo como certo que se refere a essa cidade do estado do Tocantins. A escolha por essa temática surgiu com a intenção de valorizar os aspectos linguísticos, socioculturais, históricos e geográficos que, por sua vez, foram sendo esquecidos ao longo dos anos, e assim poder contribuir documentalmente para a lembrança desses aspectos, com a elaboração de um trabalho que seja útil à comunidade. Além disso, a falta de documentos históricos que apresentassem informações acerca das motivações que levaram a escolha das nomeações das ruas de São Félix do Tocantins, e o desconhecimento dos moradores da comunidade para essas questões motivacionais foram fatores cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ademais, percebeu-se, também, que não há estudos toponímicos sobre o município. Assim, este trabalho torna-se relevante pelo caráter inédito, sendo o primeiro a tratar da Toponímia das ruas de São Félix, com ênfase nas ruas nomeadas com nomes de pessoas. Nesse sentido, busca-se sistematizar o conhecimento a respeito do contexto histórico e linguístico, buscando o fortalecimento da identidade cultural da cidade. Posto isto, o objetivo geral desta pesquisa é identificar as motivações linguísticas, socioculturais, históricas e geográficas dos nomes das ruas de São Félix do Tocantins que levaram os agentes políticos locais a homenagearem pessoas. Nessa perspectiva, o intuito é compreender a origem dessas nomeações e suas relações com o contexto linguístico e sociocultural da cidade, a fim de promover o reconhecimento e a valorização de aspectos importantes da cultura local. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se correlacionar aspectos da Onomástica/Toponímia aplicados às ruas de São Félix do Tocantins; evidenciar as formações lexicais e etimológicas dos topônimos das ruas de São Félix, como tributo às pessoas do município; e analisar as motivações toponímicas, reconhecendo as influências socioculturais, históricas e geográficas que fundamentaram a escolha dos nomes das ruas de São Félix.

Segundo Dick (1990), os estudos toponímicos atuam como uma ferramenta significativa no processo de compreensão dos aspectos sócio-histórico de uma comunidade. Afirmar ainda que esses estudos possibilitam o acesso às ocorrências do tipo linguístico, ideológico, histórico, considerando suas crenças e emoções, assim como a valorização e resgate de memórias da origem de um povo. É nessa perspectiva que este trabalho torna-se relevante à sociedade. Busca não só conhecer os contextos histórico, geográfico e sociocultural do lugar, mas também de produzir um documento que seja útil a esse povo, no que diz respeito à formação e à consolidação enquanto espaço geográfico, atualmente conhecido como município de São Félix do Tocantins.

Para tanto, o corpo deste trabalho está dividido em quatro capítulos. Inicialmente, na fundamentação teórica, abriu-se a seção com apresentação do léxico, visto que é de grande relevância compreender como surgem as palavras, para depois pensar no sistema de nomeação como um todo, bem como o processo de formação das palavras. Além disso, apresenta-se a relação de semântica e toponímia, visto que ambas têm relação com sentido/significado e motivação de palavras/nomes. De outro modo, fez-se uma breve contextualização da Onomástica – a ciência que estuda os nomes próprios – com o intuito de compreender o que venha a ser a toponímia, e em seguida, fez uma discussão sobre a classificação toponímica - antropotoponímia. A Antropotoponímia é uma classificação toponímica que faz referência aos

nomes de lugares nomeados a partir de designativos pessoais, ou seja, nomes próprios, hipocorísticos, alcunha ou apelidos de família.

No segundo capítulo, fez-se necessário a discussão sobre a memória oral, visto que, na falta de documentos que auxiliem nesse processo de pesquisa, somente a conversa com moradores da cidade podem ajudar na identificação dessas motivações toponímicas. Em seguida, apresenta-se, brevemente, o processo histórico da formação da cidade de São Félix, a partir dessas informações obtidas com os moradores. No terceiro e quarto capítulo, apresenta-se, respectivamente, os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa, e a análise e discussão dos resultados.

Posto isto, com a elaboração deste trabalho, espera-se que os resultados contribuam para ampliação dos conhecimentos da área da Onomástica, e mais especificamente, da Toponímia, bem como com os estudos do léxico da Língua Portuguesa. E ainda, contribua com o resgate histórico do estado do Tocantins e de seus municípios.

CAPÍTULO I – ONOMÁSTICA: TOPONÍMIA E ANTROPOTOPONÍMIA

Este primeiro capítulo traz informações a respeito do léxico, com a contextualização de sua origem e formação. Além disso, faz-se a apresentação a respeito da Onomástica, e logo, em seguida, sobre a toponímia, fazendo uma relação do signo linguístico com o signo toponímico, uma vez que um é decorrente do outro.

1.1 O LÉXICO

Segundo Carvalho (2009), a origem da palavra léxico provém do grego *lexicon* e, em seu sentido absoluto, está associado ao vocabulário. Por esse ângulo, é o índice de palavras que são elencadas nos dicionários de uma língua. Nesse sentido, o acervo lexical de uma determinada língua é composto por um conjunto de lexemas que podem ser percebidos por meio de mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Nesse processo, as palavras sofrem uma variação diacrônica. No diacronismo, os falantes nativos de uma língua são capazes de perceber três processos: os arcaísmos, palavras que caem no desuso e são consideradas ultrapassadas; os neologismos, que são aquelas palavras surgidas ou criadas recentemente; e o estrangeirismo, que são palavras advindas de outra língua, e passam a ser utilizadas pelos falantes de uma comunidade. Essas mudanças que ocorrem no sistema lexical de uma língua não são derivadas de alterações políticas ou culturais, elas são resultantes da fala, alterando ou criando normas por meio do uso da língua.

Em uma perspectiva geral a respeito do léxico, Antunes (2012) aponta que o acervo lexical de uma língua é considerado um amplo repertório de palavras, utilizadas para fins comunicativos entre falantes. Assim, as palavras são elementos fundamentais para que haja interação entre os indivíduos, possibilitando o surgimento de novas palavras, com o intuito de enriquecer seus vocabulários. Apesar de serem essenciais para comunicação e interação entre os indivíduos, essa relação não se dá somente entre falantes, isso também se estende à relação que há entre as pessoas e as coisas. Em resumo, essa relação se dá também mediante categorias cognitivas que construímos das coisas, sejam elas objetos, pessoas ou tudo aquilo que está a nossa volta, com as experiências e a diversidade de palavras que a língua dispõe para caracterizar esses elementos. Assim, se é verdade que léxico consiste no conjunto de palavras, pode-se considerar que tem muito a ver com o ato de nomear, com a necessidade de dar sentido às coisas.

Nessa perspectiva da relação entre léxico, escolhas e surgimentos de palavras, Oliveira e Isquerdo (2001) acrescentam que o léxico de uma língua nativa consiste em uma maneira de memorizar o conhecimento da humanidade. Assim, o ato de nomear a realidade em que vive é uma das primeiras ações no processo de conhecimento do mundo. Ao agregar elementos em grupos, o homem os nomeia, com o objetivo de distingui-los e individualizá-los através de suas características, atribuindo-lhes um rótulo. A partir dessas designações surgiu o chamado léxico das línguas naturais. Em contrapartida, o surgimento do léxico se dá por meio do real e do cognitivo, como já mencionado anteriormente. Esse processo ocorre, primeiramente, por meio das percepções que o ser humano tem do mundo e, em seguida, através da classificação atribuída a essa realidade.

Considerando o fato de que a nomeação ocorre por meio de processos específicos de uma língua, Biderman (2001) inclui a categorização como parte desse processo. Nessa lógica, a categorização é considerada o processo em que está respaldada no sentido e/ou significação dos sistemas de uma língua natural, possibilitando, ao homem, a capacidade de relacionar palavras a concepções.

Assim, conforme a autora, o sistema lexical, independente de qual língua seja, é composto pela somatória de experiências de uma determinada comunidade, junto ao acervo de sua cultura. Desse modo, o léxico não é algo estável, que não se modifica. Pelo contrário, o léxico pode expandir, alterar e contrair. Isso ocorre, principalmente, por influência de mudanças sociais, bem como culturais, podendo desvanecer, caindo em desuso, ou reaparecer após um período fora do acervo lexical de um indivíduo.

Nesse ponto de vista, Biderman (2001) acresce que a distinção do significado conceptual de uma palavra pode ocorrer de forma explícita, fazendo referência a um sentido denotativo de uma realidade. Do mesmo modo, pode ocorrer, também, com traços conotativos, em que sobressai os elementos contextuais, referenciando-se a fatores sociolinguísticos.

O estudo sobre o léxico está dividido em três disciplinas distintas, conhecidas por ciências do léxico. A saber, são elas Lexicografia, Terminologia e Lexicologia. Essas disciplinas são distinguidas por meio de seus conceitos e, conseqüentemente, pelos seus objetos de estudo. Nesse sentido, conforme Oliveira e Isquerdo (2001) a Lexicografia é ciência que estuda os dicionários, com o intuito de descrever e registrar os vocabulários de uma língua; a Terminologia é a ciência que tem por objetivo estudar uma parte do léxico de uma língua, isto é, responsável por uma área específica do conhecimento humano, e, além disso, é uma disciplina da teoria da referência, relacionando o conceito à estrutura lexical. Já a Lexicologia, no qual a Onomástica, linha de pesquisa deste trabalho, está inserida, é

estabelecida como a ciência que estuda o léxico de uma língua, levando em consideração sua categorização e estruturação.

Na língua portuguesa, o acervo lexical é derivado do latim popular, como aponta Carvalho (2009). Nesse sentido, a base lexical desse acervo são as palavras que passaram por transformações desde o romance lusitânico. Assim, essas palavras que sofrem modificações, estabelecem o padrão fonético e morfológico da língua portuguesa. Portanto, devido o latim popular ter predominância sobre o latim clássico ou culto na Península Ibérica, o léxico português originou-se do latim popular. Mas, a autora ressalta que nesse processo inicial do léxico português, esse acervo lexical derivou-se não apenas do latim popular, assim, no *corpus* lexical tem-se, também, derivações dos elementos aloglóticos pré e pós-romanos, línguas europeias latinas, e não latinas e os elementos internacionalizados por meio do Cristianismo (Ex: *Jeová, Maria, Páscoa, amém, messias etc.*) e empréstimos resultantes dos descobrimentos, que são as línguas extraeuropeias.

No que se refere aos mecanismos de aplicação do léxico, Carvalho (2009) ressalta que esse ocorre de duas formas: externa e interna. Na forma externa, estão as classes de palavras que representam o extralinguístico de uma língua, isto é, as nomeações, os processos lexicais, dentre outros. Em resumo, são lexemas de classe aberta, no qual reúnem os verbos, adjetivos, substantivos e advérbios nominais, com um peso semântico decorrente das mudanças que ocorrem no exterior, refletindo a cultura de uma sociedade. Já na forma interna, estão as classes de palavras comportadas apenas dentro do sistema linguístico, com significação interna (morfemas gramaticais), envolvendo a organização e estruturação de uma língua.

Além disso, Carvalho (2009) acrescenta que a aplicação lexical é decorrente de dois métodos: método de criação dentro da própria língua e a adoção ou adaptação de um termo proveniente de uma língua estrangeira. Na aplicação lexical por criação, estão outros dois processos, a inovação da forma e o neologismo semântico. Na inovação formal, esse processo ocorre através dos processos latinos por composição e derivação, e também por sigla, *TV* (*televisão*), de uma gíria (*paquerar*), de uma onomatopeia (*clique*) ou de uma redução *foto* (*fotografia*). No outro processo, de adoção e adaptação, que são os empréstimos propriamente dito, não ocorre somente uma inovação, mas sim uma adequação da língua, compreendendo os aspectos culturais e funcionais de uma comunidade.

Nesse contexto de derivação e composição da formação de palavras, Basílio (1987) destaca que o primeiro processo, por derivação, é identificado pelo acréscimo de afixo (*sufixo ou prefixo*) a uma base, formando, dessa forma, uma nova palavra. Portanto, para que uma palavra seja considerada derivada é necessário que sua formação seja constituída de uma base

+ afixo. Para exemplificar esse processo, tem-se as formas *retratista* (*retrato* + *ista*), *livreiro* (*livro* + *eiro*), representando a junção de base + sufixo; e *reler* (*re* + *ler*), concretizando a definição dada a prefixo + base.

Ainda segundo a autora, no processo de composição, há a junção de duas bases com o intuito de formar uma nova palavra. Desse modo, sempre que uma palavra é estruturada por duas bases, identifica-se como uma palavra composta. Essa definição está explicitada em *guarda-chuva* (*guarda* + *chuva*), *luso-brasileiro* (*luso* + *brasileiro*), *agricultura* (*agri* + *cultura*). Portanto, compreende-se que o que define uma palavra composta é a forma que essa palavra está estruturada. Além disso, Basílio (1987) acrescenta que no processo de composição, quando uma palavra é formada por bases substantivo + substantivo, o primeiro atua como núcleo da construção, e o segundo funciona como modificador ou especificador. Esta lógica se aplica também nas palavras compostas por substantivo + adjetivo – *obra-prima* (*obra* + *prima*), *caixa-alta* (*caixa* + *alta*) – independente da ordem em que estão empregadas, o substantivo é o núcleo e o modificador especificador é o adjetivo; e em formações do tipo verbo + substantivo – *guarda-roupa* (*guarda* + *roupa*), *mata-mosquito* (*mata* + *mosquito*) e *porta-bandeira* (*porta* + *bandeira*) –, o substantivo assume o papel de objeto direto do verbo.

Em síntese, para Basílio (1987), no processo de formação de palavras, a composição ocorre por meio do emprego de estruturas sintáticas, mas com uma finalidade lexical, pelo fato de fazer uso de um mecanismo (estruturação sintática) com propósito de denominar e caracterizar seres, função essa que se assemelha às intenções do léxico. Ademais, embora esses processos de derivação e composição estejam juntos, inclusos no processo de formação de palavras, eles possuem caráter distintivos, uma vez que a derivação abrange noções de expressões comuns, e a composição leva em consideração as categorizações em suas particularidades.

Relacionando a Onomástica ao léxico, Isquardo (2008) adverte que o acervo de palavras evidencia, ideologicamente, a corporificação da visão do denominador em determinado tempo ou espaço. Nesse ponto de vista, esses vocábulos surgem a partir da história de vida de uma comunidade e, além disso, a atribuição desses nomes a lugares, une-se a fatores políticos, linguísticos, étnicos, históricos e ideológicos. Ademais, é nesse sentido que os aspectos extralinguísticos são notados nos estudos toponímicos. Levando em conta as razões e influências que levaram o denominador a nomear determinada entidade.

A seguir, por ser uma ciência que está inserida na Lexicologia, no próximo tópico, faz-se a apresentação da Onomástica, e uma de suas subáreas, a Toponímia.

1.2 A ONOMÁSTICA

Nomear um objeto, lugar ou pessoa não é uma prática que acontece por acaso ou simplesmente para dar nome às coisas, haja vista que este processo engloba vários fatores que o influenciam. Segundo Dick (1990), para o homem, a nomeação é uma atividade significativa, utilizada como uma forma de contribuir e acrescentar para o entendimento de sua realidade. Em conformidade, Dias (2013) aponta que a nomeação é uma das atribuições da linguagem, considerada uma atividade inerente que só é concebida através da vida em sociedade. Nesse sentido, a nomeação possui um valor simbólico e significativo, visto que esses significados contribuem para a formação do conhecimento e de como perceber a realidade de uma sociedade. Assim:

O processo de nomeação do espaço é uma atividade privilegiada que permite ver as profundas relações que o cérebro humano desenha no espaço; ou seja; a espacialidade em que se desenrola a nomeação constitui-se numa dimensão simbólica da forma como o cérebro interpreta as configurações espaciais. Na verdade, um topônimo é uma porção delimitada do espaço que está representado numa palavra. Ele traduz a maneira como alguém se “apropriou” do espaço, as suas concepções e a forma como se relacionava com o mundo. Ao se apropriar do espaço, nomeando-o, o ser humano revela-se. Por isso, um processo de nomeação presentifica-se um caráter simbólico e figurativo (CARVALHO, 2012, p. 25).

Posto isto, compreende-se que esse processo se dá, inicialmente, pelo psíquico. É, substancialmente, a materialização daquilo que mentalizamos ou imaginamos. O ato de nomear é uma forma utilizada pelo homem de registrar suas impressões obtidas num dado espaço geográfico, levando em consideração que por trás de um nome há marcas e intenções que explicam os motivos pelas quais aquela entidade foi assim denominada.

Nesse contexto, a Onomástica é responsável pelos estudos que englobam esse sistema de nomeação. À vista disso, Dick (1992) aponta que a Onomástica é uma área da linguística com caráter interdisciplinar que se interessa, principalmente, pela investigação da origem, gênero e percurso de denominações de qualquer língua. Além disso, por ser uma área que não centraliza apenas em uma disciplina, não há como realizar um estudo no campo da Onomástica sem envolver além da Linguística, a Geografia, História, Antropologia, dentre outras.

Para Carvalhinhos (2008), embora seja um feito trivial em nossa sociedade, ter curiosidade para compreender o motivo pelas quais as pessoas nomeiam lugares e/ou pessoas ainda é um fato inexplorado por muitos. Destaca ainda, que os estudos onomásticos surgiram por volta do século II a.C., tendo como precursor o grego Dionísio de Trácia, considerado o grande mentor da gramática ocidental. As pesquisas de princípios onomásticos são,

principalmente, de caráter documental, a partir de materiais oficiais, como mapas, listas que apresentem nomes ou outros documentos que contêm informações de valores históricos e lexicográficos.

Atualmente, a Onomástica é dividida em duas disciplinas, Antroponímia (estudo dos nomes próprios de pessoas) e a Toponímia (estudo dos nomes de lugares em geral). Solís (2018) explica que esses componentes da Onomástica estão associados a duas realidades distintas e consideradas importantes para o ser humano: a necessidade de especificar um lugar, atribuindo-lhe um nome, e o de identificar indivíduos através da nomeação.

Tendo em vista as diferenças entre esses dois grandes componentes da Onomástica, considera-se que:

Em outra perspectiva, os componentes da onomástica, nomes e cultura, têm peso especial e diferente: os antropônimos, por exemplo, são marcas culturais e históricas, em alguns casos, muito transparentes. E, em geral, toda onomástica pode ser fonte histórica para conhecer não só a história social e os conteúdos culturais de uma sociedade, senão também a história específica de um indivíduo ou de uma entidade da natureza ou criada pela atividade mental do homem (SOLÍS, 2018. p.12).

Nesse sentido, a Onomástica surge não só com a finalidade de nomear entidades, mas também através de aspectos sociais, culturais e históricos de uma entidade ou indivíduo.

Posto que, para Dick (1992), tanto a Toponímia quanto a Antroponímia são subáreas da Onomástica e são estudadas a partir de categorias taxonomicas, também denominadas de taxonomias, que dependem de sua motivação para serem identificadas, apresenta-se alguns exemplos das taxionomias desses grandes componentes da Onomástica.

Na Toponímia, tem-se a hidronímia (aquosas), astronímia (astros), litoronímia (formações pétreas), odonímia (vias ou caminhos), oronímia (serra), dentre outros. Já nas taxonomias relacionadas à Antroponímia, tem-se nomeações relacionadas a nomes de batismo, sobrenomes (patronímicos ou matronímicos), bem como nomes de apelidos, alcunhas e nomes diminutivos. Com isso, percebe-se que a característica do onomástico toponímico não se limita apenas à identificação dos nomes de lugares, mas, também, na identificação necessária de nomeações que envolvem aspectos físicos e antropoculturais.

Posteriormente, no próximo tópico, serão apresentadas informações acerca da Toponímia e, em seguida, todas as suas taxionomias transcritas no Quadro 1.

1.3 CONTEXTO HISTÓRICO DOS ESTUDOS TOPONIMICOS

Já se mencionou no início deste trabalho que a Toponímia é a disciplina responsável pelo estudo dos nomes de lugares ou topônimos em geral. Assim, ao passo que a Onomástica possui caráter interdisciplinar, consequentemente a Toponímia também carrega esse título, por estar atrelada a outras disciplinas de diferentes áreas. Isso vai ao encontro com o que diz Dick (1990, p. 36), ela é “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. Portanto, quando nos referimos à história dos nomes de lugares, independente do espaço físico em que a entidade se encontra, estamos tratando da representação de um conjunto de informações de fatores que envolvem aquela nomeação.

Conforme Dick (1990), a Toponímia é uma disciplina antiga, que teve sua significação arquitetada e concebida desde que os homens se dividiram em diferentes regiões, com pedaços de terras marcados, surgindo, dessa forma, a necessidade de identificar essas regiões que estavam sendo ocupadas. Assim, o topônimo pode ser identificado a partir de registros encontrados num dado tempo-espacial já instituído.

Segundo Carvalhinhos (2008), em linhas gerais, os estudos toponímicos tiveram início no século XIX, na França, país da Europa Ocidental, com a instauração da Obra *Les noms de lieu de la France*, de Auguste Longnon, na escola *École Pratique des Hautes-Etudes*. Longnon, juntamente com sua obra, tornaram-se referência para a continuação dos estudos toponímicos, principalmente, com Albert Dauzat no século XX. Assim, os estudos toponímicos foram impulsionados fundamentada no método de áreas já existentes e na geografia linguística.

Carvalhinhos (2008) ressalta ainda que, posteriormente, após sua expansão por outros países, os estudos toponímicos chegam ao Brasil com uma perspectiva baseada numa etimologia indígena, com estudos voltados para o tupi antigo, sendo interessante à toponímia por sua característica imutável de topônimo fixo, que depois de definido ou fixado, não passa por transformações com as demais palavras dentro de um sistema linguístico.

A princípio, para o referido autor, no Brasil, os estudos onomásticos tiveram início na Universidade de São Paulo, no ano de 1934, principiados na Cadeira de Etnografia e Língua Tupi, dirigida pelos professores Dr. Plínio Ayrosa e Carlos Drummond. Atualmente, a grande referência da Toponímia no Brasil é a professora da universidade citada acima, Dr^a Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que tem se doado inteiramente às pesquisas toponímicas, com o intuito de elaborar o Atlas Toponímico do Brasil (ATB), desenvolvido a partir do Atlas Toponímico de São Paulo (ATESP), e servindo de suporte para o andamento de outros Atlas

regionais variantes, como o Atlas Toponímico de Minas Gerais (ATEMIG), Atlas Toponímico do Paraná (ATEPAR), Atlas Toponímico do Mato Grosso (ATEMT), Atlas Toponímico de Origem Indígena (ATITO), Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB) e Atlas Toponímico do Estado do Ceará (ATEC), Atlas Toponímico do Tocantins (ATT) e dentre outros.

Por conseguinte, fazendo uma relação dos estudos toponímicos de um modo geral, surgido na França, Carvalhinhos (2008) destaca ainda que, no Brasil, a Toponímia é considerada uma disciplina autônoma, por não se preocupar apenas com a recuperação linguística, como ocorria e ocorre na Europa, mais que isso, a Toponímia passou a estudar além dos nomes de lugares e as modificações semânticas, morfológicas e fonéticas existentes, atrela-se às demais disciplinas, como a Semiótica e Lexicografia.

1.4 OBJETO DE ESTUDO DA TOPONÍMIA: DO SIGNO LINGUÍSTICO AO SIGNO TOPONÍMICO

De acordo com Guiraud (1980), a todo instante, o ser humano enriquece o seu vocabulário com a inserção de palavras que sejam consideradas novas pela sociedade ou que apenas não fazem parte do seu léxico. Para tanto, independentes de serem novas ou não, as palavras não são criadas de forma irracional, pois possuem um sentido ou uma razão pela qual foram introduzidas. Para entender esse processo, a linguística dedica uma parte da sua ciência para estudar o sentido e/ou significado das palavras, a semântica.

Para Ullman (1964), as palavras não possuem significados isolados, pois acredita-se que uma mesma palavra pode nos remeter a mais de um significado, dependendo do contexto em que foi empregada, e que palavras diferentes podem também possuir o mesmo significado, isto é, podem exprimir uma mesma ideia. Para tanto, acrescenta que:

A significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção, ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar: uma nuvem é um sinal de chuva, um franzir de sobrancelhas sinal de perplexidade, o latido de um cão sinal de cólera, a palavra “cavalo” é o signo do animal. O signo é portanto um excitante – os psicólogos dizem um *estímulo*, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro *estímulo*; a nuvem evoca a imagem da chuva, a palavra evoca a imagem da coisa (GUIRAUD, 1980. p. 15)

Nesse sentido, em um processo semântico, as palavras são significações que estão associadas a um signo, sendo considerado um procedimento que está relacionado a algo que

está a nossa volta. Portanto, as significações são todos os fatores que podem influenciar na escolha de uma determinada palavra, bem como experiências, conhecimento, etc.

De acordo com Guiraud (1980), o signo ou signo linguístico é um estímulo que sempre estará relacionado a um outro estímulo. Desse modo, estão associados a signos naturais ou artificiais. Os signos naturais são compreendidos como aqueles que estão correlacionados a algo existente na natureza, enquanto os signos artificiais são ligações construídas através de fabricações humanas, com o intuito de representar algo ou de nos comunicarmos. Desse modo, os signos podem ser arbitrários ou motivados. Quando um significante não possui relação com o seu significado ele é arbitrário, por outro lado, quando ocorre essa relação ele é um signo motivado.

Nesse ponto de vista, o autor acrescenta que os signos por motivação se dividem em duas partes, externas e internas. À vista disso, a primeira motivação ocorre quando há relações entre a coisa significada e a forma significante, e não há relação com o sistema linguístico. Essa motivação ainda se subdivide de duas maneiras: a *fonética*, quando ocorre de forma direta e natural, como se verifica nas onomatopeias, que se fundamentam na similaridade que há entre a forma fônica e a coisa denominada; e a *metassêmica*, quando ocorre mudança de sentido, como advém na metáfora. Na segunda motivação, a interna, Guiraud (1980) destaca que sua origem está ligada ao interior do sistema linguístico, sua motivação não ocorre entre coisa significada e a forma significante, e sim entre palavras. Essa motivação pode decorrer de forma *morfológica*, fundamentando sobre a derivação e a composição, como é o exemplo de *bananeira* derivar-se de *banana*; e por fim, a *paronímica*, que se processa por meio da assimilação, isto é, quando há uma confusão entre duas formas idênticas (homônimas) ou próximas (parônimas).

De outro modo, tem-se também o sentido de base e o sentido contextual. Nessa perspectiva, Guiraud (1980) aponta que os sentidos são definidos como virtuais, tendo em vista a possibilidade dos vários sentidos para um único nome. Mas, adverte que em um determinado contexto de uso, apenas um prevalece, o sentido contextual. Nessa lógica, afirma que toda palavra possui um sentido de base e um sentido contextual, e só pode ser diferenciado a partir do contexto em que está sendo inserido ou empregado.

Posto isto, para o referido autor, cada palavra carrega consigo quatro tipos de associações: o sentido de base e o sentido contextual (associações semânticas); e valores expressivos e os sócio-contextuais (associações estilísticas). As associações semânticas estão ligadas ao conceito, ou a palavras dicionarizadas (sentido de base) e às palavras que ganham um sentido extranocional, ganhando uma nova coloração, sem perder o seu conceito inicial

(sentido contextual). Já as associações estilísticas podem expressar emoções, desejos, intenções e julgamentos de quem fala, também conhecidos por valores expressivos. Além disso, uma palavra pode ser limitada, ao ponto de não ser empregada por qualquer pessoa, podendo depender da situação para ser empregada, desta maneira, está ligada ao grupo e ao contexto social a que pertence (valores sócio-contextuais).

É pertinente destacar que, para Guirauld (1980), as palavras são consideradas criações humanas e, concomitantemente, como ocorre na maioria das vezes nessas criações do homem, elas têm vida própria, isto é, as criamos e elas se criam. Para explicar e exemplificar esse processo, utiliza-se o processo de criação do jardim para melhor compreensão. Nesse sentido, “num jardim, escolhemos as espécies, selecionamos as sementes, plantamos, enxertamos, cruzamos, podamos etc., e as plantas vivem, umas prosperam e outras se estiolam...” (GUIRAUD, 1980, p. 41). Dessa maneira, isso também ocorre na linguagem, existe uma criação consciente e evolução espontânea, algumas palavras proliferam, outras extinguem-se. Assim, as palavras são criadas com o propósito de dar nomes às coisas, pelo fato de ainda não possuírem, ou porque os nomes a elas atribuídas não formalizam mais com a mesma eficácia em sua função.

Assim sendo, olhando por um outro prisma, obtemos aqui uma outra perspectiva, o signo toponímico, que se difere do signo linguístico por seu caráter motivado, ou seja, pelo seu objeto de estudo e pela caracterização de nomes já instituídos por motivação. Para Dick (1990), apesar do signo de natureza comum ser associado à significação, na Toponímia, esse princípio se contradiz pela função onomástica ou especificadora de lugares, que ocorre por meio da relação entre a motivação e a ligação proficiente do nome caracterizado e da entidade a ele atribuído. Desse modo, a autora acrescenta que “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (GUIRAUD, 1980, p. 38).

Sobre esse prisma, ainda segundo Dick (1990), o signo toponímico surge em duas instâncias: de maneira *intencional*, quando o denominador nomeia um elemento geográfico por influência subjetiva e objetiva de diversos contextos; e de *proveniência semântica* da designação, isto é, do significado que está por trás daquele nome, seja de modo transparente ou opaco.

Em relação a formação morfológica dos topônimos, Dick (1992) salienta que podem ocorrer de três formas: elemento específico simples, elemento específico composto e elemento específico híbrido. Nessa perspectiva, o elemento específico simples é comportado por apenas um formante, preferencialmente, por um substantivo ou adjetivo. Esse elemento pode estar

também acompanhado por sufixação, sejam elas diminutivas, aumentativas ou outras derivações linguísticas. O segundo elemento, o composto, é aquele que se constitui por mais de um elemento formador, sendo formações atípicas, que só a história local pode explicar. Por fim, o terceiro elemento, o híbrido, é assim denominado quando formado por formantes de diferentes origens.

A autora destaca ainda que ao nomear um lugar, a forma de sua nomenclatura onomástica relaciona-se ao acidente geográfico a que se identifica, constituídos por dois termos ou expressões utilizadas para distinguir esses elementos formadores. Desse modo, partindo da primícia desses dois termos existentes, tem-se o primeiro, termo ou elemento genérico, que está relacionado à entidade geográfica que irá receber a nomeação. E, o segundo, termo ou elemento específico, que condiz ao topônimo em questão.

Considerando o fato de que toda nomeação carrega consigo uma razão pela qual foi nomeada, Solís (1997 *apud*, DIAS, 2016) aponta que as motivações toponímicas surgem por motivos ideais, a partir da criação cultural do homem, e motivos reais, frutos de sua realidade e existência na natureza. O autor sintetiza essas formas da seguinte maneira:

Quadro 1 – Motivos toponímicos ideais e reais

Motivos Ideais	Motivos Reais
Assuntos honoríficos	Configuração geográfica ou relevo
Divindades	Propriedades físicas de terrenos
Personagens históricas	Características ambientais
Sucessos históricos, dentre outros	Recursos zoológicos, botânicos e hidrológicos e outros

Fonte: SOLÍS, 1997, p. 29, *apud* DIAS, 2016, p. 66

Ainda de acordo com Dick (1990), a motivação toponímica surge por dois motivos: a primeira, do denominador, que é de quem nomeia, e por razões que convencem o denominador que determinada entidade deve ser batizada de tal maneira. E a segunda, da natureza do produto da escolha, que diz respeito à substância do próprio topônimo, que podem ser visualizadas na estrutura linguística da palavra. Para a autora, o primeiro motivo, a do denominador, nem sempre será possível certificar, com clareza, a intencionalidade que motivou determinada nomeação, devido à ausência do denominador, isto é, da pessoa que nomeou ou pelo grande intervalo de tempo do aparecimento do nome.

Quanto à classificação toponímica, observa-se que os estudos dessa autora foram de fundamental importância para a continuação das pesquisas toponímicas no Brasil. Posto isto, baseando-se em trabalhos já existentes, Dick (1990, 1992) propôs um modelo metodológico de taxonomias, algumas criadas e outras adaptadas à realidade do Brasil, com o objetivo de estudar as causas motivadoras de nomeações geográficas.

Essas taxonomias estão divididas em 27 categorias, sendo que 11 dizem respeito às nomeações de aspectos físicos e 16 aos aspectos antropoculturais. Assim, essas taxonomias são categorizadas e organizadas da seguinte forma:

Quadro 2 – Taxonomias de natureza física

Taxonomia	Referência	Exemplo
Astrotopônimos	Topônimos relativos aos corpos celestes em geral.	Estrela, AH BA; rio Estrela, ES
Cardinotopônimos	Topônimos relativos às posições geográficas em geral.	Praia do Leste, PR
Cromotopônimos	Topônimos relativos à escala cromática.	rio Branco, AM
Dimensiotopônimos	Topônimos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura etc.	Ilha Cumprida, AM
Fitotopônimos	Topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade.	Morro da Mata, MT
Geomorfotopônimos	Topônimos relativos às formas topográficas, como montanha, monte, moro etc.	Monte Alto, AH SP; Morro azul, AH RJ
Hidrotopônimos	Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos.	Serra das Águas, GO; Córrego Novo, AH MG

Litotopônimos	Topônimos de índole mineral e constituições de solo.	Lagoa do Barro, BA; córrego do Barreiro, AM
Meteorotopônimos	Topônimos relativos a fenômenos atmosféricos.	serra do Vento, PB; riacho das Neves, BA
Morfotopônimos	Topônimos que refletem o sentido da forma geométrica.	Curva Grande, AH AM; Ilha Quadrada, RS
Zootopônimos	Topônimos de índole animal, sendo domésticos ou não.	rio do Boi, MG; lagoa da Onça, RJ

Fonte: (DICK, 1992, p. 31-32)

Além das taxonomias de natureza física, tem-se também as taxonomias de natureza antropológica, a saber:

Quadro 3 – Taxionomias de natureza antropológica

Taxonomia	Referência/significado	Exemplo
Animotopônimos ou nootopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica e cultura espiritual.	Vitória, AH CE
Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes próprios individuais.	Fátima, AH MT
Axiotopônimos	Topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais.	Duque de Caxias, AH RJ
Corotopônimos	Topônimos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.	Brasil, AH AM
Cronotopônimos	Topônimos com indicadores cronológicos.	Novo Mundo, GO
Ecotopônimos		

	Topônimos relativos às habitações.	Casa da Telha, AH BA
Ergotopônimos	Topônimos relativos aos elementos da cultura material.	córrego da Flecha, MT
Etnotopônimos	Topônimos relativos aos elementos étnicos, isolados ou não.	Guarani, AH PE
Dirrematopônimos	Topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.	Há mais tempo, AH MA
Hierotopônimos	Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças.	Cristo Rei, AH PR; Nossa Senhora da Glória, AH AM
Historiotopônimos	Topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros.	Independência, AH AC; rio 7 de setembro, MT
Hodotopônimos ou odotopônimos	Topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.	córrego do Atalho, GO
Poliotopônimos	Topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	rio da Cidade, RJ; serra da Aldeia, PB
Sociotopônimos	Topônimos relativos às atividades profissionais aos locais de trabalhos e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.	sapateiro, serra do SP
Somatotopônimos	Topônimos empregados em relação metafórica à partes do corpo humano ou do animal.	cotovelo, AH MG; Pé de Boi, AH SE
Numerotopônimos	Topônimos constituídos pelos adjetivos numerais.	Duas Barras, AH BA; Três Coroas, AH RS

Fonte: (DICK 1992, p. 32-33)

Por este trabalho está relacionado a nomes de ruas batizadas com nomes de pessoas, na próxima seção, faz-se necessário uma breve apresentação acerca da Antropotoponímia, que é uma das taxonomia de natureza antropocultural.

1.5 ANTROPOTOPONÍMIA

De acordo com Dick (1990), a classificação toponímica antropotoponímia são topônimos que estão inseridos nas taxonomias de natureza antropocultural. Essa taxonomia se destaca pela expressividade das formações onomásticas e atribui-se a nomes de lugares batizados a partir de denominações pessoais, quer por prenome ou por apelido de família. Dessa forma, a designação dessa categoria ocorre pelo emprego de um nome individual como nomeação de uma entidade geográfica. Essa categoria faz uma relação com os estudos antropoculturais, relacionados a nomes de pessoas. Portanto, em termos de origem e significado dos nomes próprios, a teoria antroponímica foi construída com o intuito de mostrar os princípios constitutivos que compõem essa classe particular de signos linguísticos. Nessa perspectiva, a interpretação desses topônimos decorre de elementos identificadores ou distintivos no meio social entre os indivíduos, independente do seu conteúdo semântico.

Considerando o fato de que os Antropotopônimos surgem a partir dos antropônimos, faz-se necessário, primeiramente, a contextualização sobre os estudos de nomes de pessoas, os antropônimos. Para Dick (1990), o estudo antroponímico é de suma importância no que diz respeito ao alto nível de transformação do seu sentido originário, visto que desempenham função de documentos que registram o cotidiano, refletindo sobre atitudes e posturas sociais, característico de um mesmo grupo social. Além disso, têm-se também a valorização da memória coletiva, sobretudo em lugares que são considerados ágrafos, no qual sua relevância é evidenciada pela escassez de documentos ou fontes de análise.

Ainda, as perspectivas semânticas que podem ser visualizadas nos nomes próprios estão diretamente ligadas às atribuições ou contribuições exercidas por meio de manifestações culturais das pessoas e onde manifestam as inúmeras razões que acarretaram na escolha dessas nomeações. Segundo a autora, isso decorre, provavelmente, pelo modo como os nomes eram concebidos, em tempos longínquos, relacionados a poderes e valores ocultos na sociedade.

De acordo com Dick (1990), o sistema onomástico, em termos de identificativo pessoal, sofreu consequências acarretadas pelo Cristianismo, que influenciava diretamente na forma como as pessoas recebiam seus designativos. Nesse sentido, a autora aponta que, em Portugal,

os estudos relacionados à antroponímia tiveram grande acentuação com pesquisas que examinavam os conjuntos onomásticos de modo individual, com o intuito de explorar cada uma de suas características na singularidade de suas configurações.

Nessa conjuntura, conforme interpretações tecidas pela pesquisadora, o sobrenome que, no Brasil, é popularmente utilizado como apelido de família, em Portugal, é compreendido como um patronímico, nome que se refere à pessoa e/ou expressão religiosa que está diretamente ligada ao nome próprio. Nesse caso, o apelido funciona apenas como uma denominação de família, que é passada de geração em geração. No âmbito da estruturação do sistema denominativo individual português, ocorre por meio de delegação cultural, o método brasileiro utilizado para nomeação comporta duas formas básicas: o prenome e o nome (apelido de família).

Acerca das razões que dão origem aos nome de pessoas, Dick (1990), em consonância com Guérios (1981), destaca que essas nomeações ocorrem por meio de fatores que envolvem influências históricas ou provenientes de instituições, “influências ou motivos políticos”, “circunstâncias do nascimento”, circunstâncias do tempo, do lugar ou proveniência do nascimento, cor da pele, olhos ou cabelo, “qualidades morais, físicas ou metáforas”, “cronologia dos nascidos”, “motivos de família ou amizade” “motivos diversos”. Assim, a autora salienta ainda que toda motivação toponímica, no âmbito da escolha de nomes próprios, tem a ver com a natureza psicossocial do homem, bem como as tendências e costumes que envolvem o seu meio.

De um modo geral, nas nomeações da toponímia brasileira, é frequente o aparecimento da nomeação espontânea, que difere daquela em que são impostas por autoridades, posto que essas nomeações impostas, por sua vez, distanciam-se da realidade ambiental, em termos de entidade geográfica, e do gosto e consentimento do grupo social em que está inserida. De acordo com Dick (1990), de outro modo, tem-se ainda a nomeação anônima, que é formada pelo prenome, acompanhado ou não de alcunha, hipocorístico, apelido de família ou pelo conjunto onomástico completo. Nesse sentido, ainda que seja frequente o aparecimento da nomeação espontânea, de modo geral, a nomeação anônima é constantemente recorrente, visto que em tempos passados, as nomeações ocorriam conforme os costumes e a mentalidade dos moradores da época.

Portanto, é evidente que, para desenvolver um estudo de nomes de lugares com nomes de pessoas, faz-se necessário essa relação com os estudos antroponímicos, uma vez que para uma determinada entidade ser batizada com o nome de uma pessoa, é de suma importância compreender quem são as pessoas envolvidas naquela nomeação. Portanto, ressalta-se essa

importância neste trabalho, uma vez que todas as pessoas que têm seus nomes batizando as ruas de São Félix, colaboraram de forma direta e indiretamente para o processo de formação do município.

Conforme Dick (1990), na Toponímia, o batismo de uma entidade geográfica com nomes próprios, e a existência de topônimos como fonte geradora, estabelece uma interrelação entre essas duas disciplinas: Antroponímia e Toponímia. Desse modo, o nome próprio, em seu sentido genérico, possibilita subsídio de uma disciplina para outra.

Nessa perspectiva, Backheuser (1952) *apud* Dick (1990) aponta que a denominação desses nomes próprios revelam, de certa forma, uma autolatria, ou seja, adoração aos feitos individuais que, no momento da nomeação não podem ser desconsideradas, buscando, assim, um vínculo indissociável entre o lugar e a pessoa que o denominou. Com isso, possibilitam inteira relação entre a história regional do lugar, conservada e transmitida a gerações futuras. Vale ressaltar que, para o autor, essa idolatria é uma das regras normativas da sistematização de condições referente aos topônimos originados de nomes próprios.

Essa idolatria citada pelo autor lembra acontecimentos passados, que, junto ao oportunismo de pessoas com alto poder na época do Imperial Romano, por exemplo, imperadores e/ou autoridades locais nomeavam cidades e outros acidentes com seus próprios nomes. O autor destaca ainda que, no Brasil, os antropotopônimos têm tomado grande proporção, dado que, na medida em que governantes deixavam seus cargos, essas nomeações eram mudadas de tempos em tempos.

Mas, em oposição a essa afirmativa apresentada pelo autor, Dick (1990) salienta que na atualidade, no Brasil, essas recorrências apresentadas por Backheuser (1952) não são mais vistas, pois essa postura de favorecimento pessoal foi corrigida por governantes que impedem a nomeação de acidentes geográficos e estabelecimentos públicos ou oficiais com nomes de pessoas que ainda estejam em vida.

Em conformidade com o referido autor, Dick (1992) acrescenta que, na Toponímia, a incidência dessas designações com nomes de pessoas a locais ocorrem por diversas razões. Dentre essas razões, destaca-se “acanhado horizonte mental”, “oportunismo e autolatria”, “modéstia e espiritualidade”, “acentuada intelectualidade e sentimento cívico”, que fazem referência a pessoas anônimas, santos, homens ilustres nas letras, artes e ciências e, ainda, com relevância histórica. Acerca da vaidade e lisonja acarretadas pela autolatria e oportunismo nas nomeações, a autora lembra do Presidente Juscelino Kubitschek que, por pouco, não participou dessa lisonja em excesso ainda em vida, e do Presidente Getúlio Vargas.

Dick (1992) cita, em nota de rodapé, que, no Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais (1971), pode-se constatar diversas alterações de uma só Lei Municipal (nº 2764), com a criação dos municípios Presidente Juscelino, o antigo Ponte de Paraúna, em Curvelo; Presidente Kubitschek, conhecido, antigamente, como Tijucal, em Diamantina; e o distrito J.K, que antigamente era conhecido como São José da Lagoa, em Curvelo. Do mesmo modo, tem-se as designações que homenageiam o ex-presidente da República, Getúlio Vargas: Presidente Getúlio Vargas/SP, Getúlio Dornelles Vargas/RS, Getulina/SP, Getulândia/RJ e Vargas/RS. Posto isto, conclui-se que, como fora citado anteriormente, essa autolatria, oportunismo ou lisonja ocorre quando há um exagero em suas nomeações, isto é, quando essas homenagens ocorrem com pessoas vivas, ainda no exercício de suas atividades ou situações que ofereçam favores.

A autora ressalta ainda sobre fatos comuns recorrentes na toponímia brasileira e nesse tipo de nomeação, que são os nomes de pessoas em logradouros, estabelecimentos públicos e entre outros, que é o fato dessas denominações de lugares terem influências de homens públicos, especialmente, Presidentes da República ou de Províncias.

Ainda de acordo com Dick (1992), os nomes de lugares são assim formados conforme restrições determinadas por cada denominador, que ocorrem de forma isolada ou em virtude da manifestação da comunidade envolvida. Desse modo, as razões pelas quais ocorrem essa ação são distribuídas em dois planos genéricos: objetivo ou extrínseco, e outro subjetivo ou intrínseco. O primeiro diz respeito às projeções do próprio topônimo, ou seja, das condições exteriores ou ambientais. Já o segundo, ocorre, principalmente, pelo vínculo direto do indivíduo às suas intenções ou à sua maneira de perceber e sentir aquela entidade geográfica. Por mais difícil que seja perceber os motivos e intencionalidade de determinadas nomeações, a autora aponta que essas dificuldades não devem interferir no desejo de alcançar o conhecimento buscado, uma vez que essas nomeações são de suma importância para os estudos linguísticos, pois revela especificidades do homem, que envolvem aspectos do estado de espírito momentâneo que se exterioriza na forma de designar os lugares.

CAPÍTULO 2 – FORMAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO

Neste capítulo, faz-se uma breve apresentação acerca da memória oral e suas contribuições para os estudos toponímicos. Além disso, será apresentado o contexto histórico do município de São Félix - TO, por compreender que é de suma importância conhecer a história do processo de formação do lugar a que se pertence, para auxiliar na interpretação e compreensão dos dados da pesquisa.

2.1 MEMÓRIA ORAL: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS TOPONÍMICOS

De acordo com Le Goff (1924), em se tratando da memória como uma faculdade de preservar determinadas informações, pode-se conceituá-la como um conjunto de funções psíquicas, em que possibilita ao homem atualizar e/ou resgatar informações passadas que foram sendo esquecidas ao longo dos anos. Desse modo, a memória abrange, principalmente, áreas como a Psicologia, Psicofisiologia, Neurofisiologia, Biologia e a Psiquiatria, no que diz respeito às inquietações da memória, sobretudo, a amnésia. Assim, os aspectos que envolvem o estudo da memória, no âmbito da particularidade dessas ciências, invocam, metafórica ou concretamente, vestígios e complicações da memória histórica e social.

Posto isto, compreende-se que o resgate das histórias, mediante à memória oral, é de suma importância para este trabalho, uma vez que, ao longo desse período de desenvolvimento deste trabalho, houve muitas dificuldades para reunir informações acerca do processo de formação da cidade, bem como contribuições dos moradores pioneiros que fizeram parte desse processo. Dentre essas dificuldades encontradas, pode-se citar a falta de documentos históricos que falassem, especialmente, sobre a história do processo de formação de São Félix do Tocantins. Além disso, tem-se também a escassez de trabalhos toponímicos da área, já desenvolvidos no município, visto que este é o primeiro e a existência de outro seria uma base para a continuação desse tipo de pesquisa no local. Por essa razão, a memória oral foi um “divisor de água” para este trabalho, dado que as informações tecidas a respeito do município e a história das pessoas que contribuíram para a construção e emancipação da cidade, a maioria foi resgatada a partir de entrevistas com os moradores.

Para Joutard (2000), a história oral está ligada a três fidelidades que são consideradas inspirações originais dessa perspectiva de colher informações através da oralidade. Desse modo, primeiramente, na história oral, têm-se a atenção especial ao ouvir a voz daqueles já foram excluídos e esquecidos. Depois, têm-se os relatos reais que não podem ser descritos ou

transmitidos por meio da escrita, somente por meio da memória oral. Por fim, têm-se os depoimentos que retratam histórias que foram esquecidas. Esses três fatores, isto é, fidelidades, foram considerados na contextualização da história da cidade e na coleta de dados para análise deste trabalho, com o intuito de dar voz àqueles moradores pioneiros que vivenciaram esse processo de formação histórica e, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento e estruturação da cidade e terão suas histórias ouvidas e lembradas pela sociedade.

Ainda segundo o autor, mesmo um indivíduo tendo domínio perfeito sob a escrita, deixando isso explícito em registros escritos, a forma oral revela aquilo que é incapaz de descrever através de textos, normalmente escritos em documentos oficiais. Isso ocorre por serem considerados “insignificantes”, ou seja, pela sequência de acontecimentos do cotidiano que não são considerados relevantes, ao ponto de registrar. Acrescenta ainda que é por meio da oralidade que se pode compreender com mais precisão e clareza, as razões que estão por trás de determinadas decisões. Aplicando esta finalidade da oralidade a este trabalho, será por meio dele, o oral, que teremos a possibilidade de compreender as histórias que estão por trás das pessoas que tiveram seus nomes batizados nas ruas da cidade de São Félix do Tocantins, em homenagem aos seus feitos e, conseqüentemente, compreender o que de fato levou as autoridades da época nomear essas ruas dessa forma.

Conforme Halbwachs (2003), há dois tipos de memória, a individual e a coletiva. A esse respeito o autor destaca que o primeiro, o individual, é quando um acontecimento ou informações são constituídos em nossa memória. É quando descrevemos um fato com base naquilo que já vivenciamos. De outro modo, tem-se a memória coletiva, que ocorre quando obtemos uma informação por meio de vários relatos com uma variedade de pessoas. É quando um determinado fato é lembrado com a junção de duas memórias e unificadas quando feito um esforço para formá-la. Quando a memória individual não é mais capaz de formalizar uma lembrança, isto é, quando ela foi suprida, isso se explica devido ao distanciamento que houve entre a pessoa e a memória em que se tinha. O autor lembra ainda que essas lembranças ou memórias coletivas não são construídas apenas com a reunião de um determinado número de pessoas e com apresentação de suas histórias, pois essas lembranças em grupo devem estar em sintonia sobre uma base em comum.

Assim sendo, compreende-se, dessa forma, a importância da oralidade para os trabalhos toponímicos, isso porque, como bem afirma Dick (1986), os designativos com nomes de lugares carregam em sua origem fatores ligados à vida do homem. E, por vezes, esses fatores só podem ser visualizados ou identificados por meio da oralidade, na busca pela memória daqueles que representam as ruas desse município.

2.2 SÃO FÉLIX DO TOCANTINS: CONTEXTO HISTÓRICO



Imagem 1

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_F%C3%A9lix_do_Tocantins

São Félix é um pequeno município pertencente ao estado do Tocantins. Esse município está localizado no Leste do Estado, como mostra a localização na imagem acima, e situa-se também na região central do Jalapão. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a urbanização da cidade iniciou com migrantes nordestinos advindos do Piauí, Maranhão e Bahia, surgindo como arraial em 1736. Para formular a história sobre São Félix, as informações foram resgatadas através da memória oral, visto que, como citado anteriormente, a cidade não possui documentos históricos que façam referência a esse fato. Desse modo, segundo moradores da cidade, as primeiras famílias que vieram para essa região, aproximadamente em 1730, eram pessoas que passavam por conflitos entre famílias no Nordeste, por isso, procuravam um lugar para se refugiar. Devido a região em que se encontra a cidade de São Félix atualmente estar no centro do Jalapão, ser de difícil acesso, possuir muita

água e ser uma região de boa produtividade, esse povo se abrigava nesse local, por considerar um lugar ideal para se tranquilizarem e fugirem desses conflitos.

Inicialmente, São Félix era apenas um distrito do município de Novo Acordo do Tocantins e, com o passar dos tempos, as famílias sentiram a necessidade de colocar seus filhos na escola e, por não possuir estrutura escolar que atendesse a essas necessidades, o município começou a passar por um processo de despovoamento, no qual as pessoas migravam para as cidades vizinhas em busca de melhorias.



Imagem 2: Praça José Wilson Siqueira campos

Fonte: <https://saofelix.to.gov.br/historia/>

Na década de 80, Hamilton da Silva Garcêz foi eleito a vereador pelo distrito Novo Acordo-TO, em 1982. Em sua reeleição, no ano de 1988, o senhor Hamilton começa a lutar pela emancipação de São Félix como município do estado. Nesse mesmo ano, criou-se o Estado do Tocantins pela Constituição Federal de 1988 e, através do governo de Estado, notou-se a necessidade de instituir novos municípios nessa região, com a finalidade de fortalecer a faixa de fronteira entre Bahia, Maranhão e Piauí. Com isso, São Félix-TO começa a ser consolidada, estruturada e povoada.

Nesse contexto, em termos de estrutura, São Félix do Tocantins começou a passar por um processo de preparação para a emancipação e deixar de ser distrito. Juntamente com moradores do município, os senhores Julião Rodrigues de Sousa, Manoel Conceição da Silva, popularmente conhecido como Vica, e Domingos Ribeiro Cunha construíram a primeira escola daquela região. Assim, o município começou a se consolidar com a construção de órgãos considerados essenciais para o seu desenvolvimento. Além dessas construções, constituiu-se a primeira praça do município, chamada praça José Wilson Siqueira Campos, localizada no centro da cidade, como mostra a imagem 2.

De acordo com o IBGE, a emancipação do distrito de São Félix do Tocantins ocorreu no dia 20 de fevereiro de 1991, pela Lei Estadual 251/91, sendo elevada à categoria de cidade. Essa Lei foi legitimada no primeiro mandato do governador José Wilson Siqueira Campos, o primeiro governador do Estado após a divisão de Goiás. Em 1992, ocorreu a primeira eleição municipal, sendo eleita, em 1993, a primeira gestora de administração, a Sra. Maria Nazaré Chaves dos Santos.

Atualmente, São Félix possui 1.598 habitantes, com extensão limitada e é considerada a cidade menos populosa da região do Jalapão, ocupando uma área de 1.908, 678 km². Isto posto, várias pessoas (*in memorian*), contribuintes para formação da cidade de São Félix, e estados foram homenageados, tendo seus nomes batizando as ruas.

Com relação ao nome designado à cidade, o topônimo São Félix, conforme relato de alguns moradores, está associado a um período angustiante causado pela seca e fome do nordeste. Nesse contexto, pela região do Jalapão ser bastante concentrada em águas doces e cristalinas, emigrantes se refugiavam por esse território em busca de sobrevivência. Desse modo, em um dado momento em que um grupo de emigrantes passaram por um córrego existente na cidade, que a divide em duas partes, e pararam para beber. Nesse momento, como ainda era um córrego esquecido e a água ser indevidamente purificada, um dos integrantes do grupo comparou o gosto da água ao amargo do “Fel”, fazendo uso da expressão “água amarga que só feli”, sendo considerada a razão pelo qual denominaram o lugar recém-descoberto de São Félix, seguido do termo “do Tocantins”. Embora seja um discurso aceito pela sociedade, há também aqueles que acreditam em uma outra vertente, que esse nome faz referência a um santo chamado Félix.

A história desse santo faz referência a Félix de Cantalice, comemorado aos dias 18 de maio. De acordo com o site Wikipédia¹, Félix de Cantalice era filho de camponeses e sempre dedicou sua vida ao campo. Em sua adolescência, trabalhou como pastor e lavrador em uma grande propriedade. Apesar das responsabilidades do campo, alimentava sua fé cumprindo penitências, oração contemplativa e caridade. O padroeiro da Itália morreu no dia do seu aniversário, aos dias 18 de maio do ano de 1587, em Roma.

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A9lix_de_Cantalice

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho teve como objetivo um estudo sobre as motivações que estão por trás dos nomes de 14 ruas da cidade de São Félix-TO, a saber: rua Augusto Bittencourt, rua Cantalício Ribeiro Rodrigues, rua Carlos Patrício Ribeiro, rua Claudino Ferreira, rua Climério Dias, rua Dalvina Vieira Reis, rua Domingos Ribeiro, rua Enoc Chaves, rua Hortência França Bittencourt, rua Inocêncio Francisco de Sousa, rua Julião Rodrigues, rua Manoel Conceição da Silva, rua Raimundo Pugas Neto e rua Santo Garcez.

Inicialmente, ainda na construção do projeto desta pesquisa, a intenção era fazer um estudo sobre todas as ruas de São Félix do Tocantins, que é composta por nomes de pessoas e também de estados. Essa intenção inicial não foi levada à frente devido ao curto prazo para realização da pesquisa e, principalmente pela falta de informações, por parte das pessoas entrevistadas, sobre as ruas com nomes de estados. Assim, optou-se pelo estudo das ruas com nomes de pessoas, ancorada na perspectiva de Dick (1990;1992), que classifica esse tipo de nomeação como Antropotopônimos, isto é, lugares que têm seus nomes relativos a nomes de pessoas ou nomes próprios individuais, formados por prenomes, hipocorístico, alcunha ou apelidos de família.

Diante disso, a abordagem desta pesquisa é de cunho qualitativo, dado que é um estudo que não se preocupa com quantidade, representação numérica ou estatísticas, mas sim com o aprofundamento na compreensão de um mesmo grupo social, como aponta Silveira e Córdova (2009). Além disso, é uma pesquisa fundamentada por meio de levantamento bibliográfico, visto que o início do estudo deu-se pela seleção e leituras de livros, artigos e sites, e mapas, para seleção dos topônimos a serem analisados.

Nessa perspectiva, como posto anteriormente, a primeira etapa desenvolvida nessa pesquisa foi a escolha dos topônimos para análise, ou seja, do objeto de estudo. Para tanto, utilizou-se o mapa atual da cidade, no qual consta os nomes de todas as ruas do município de São Félix do Tocantins, e, então, fez-se a seleção das 14 ruas que possuem nomes de pessoas em suas denominações. De outro modo, o levantamento histórico das motivações toponímicas dessas nomeações foi feito por meio de entrevistas semiestruturadas, isto é, uma entrevista espontânea, com a utilização de um roteiro de perguntas predeterminadas somente para dar início a conversa, outras informações foram acrescentadas à medida que as histórias eram contadas.

Essas entrevistas foram feitas por intermédio aplicativo de mensagens Whatsapp, uma vez que a pesquisa foi realizada em um período isolamento social imposto pela pandemia de

covid-19 sendo proibido visitas às casas dos informantes. A conversa com os entrevistados ocorreu por meio de áudio do aplicativo WhatsApp e, para seleção desses informantes, optou-se pelos primeiros moradores, buscando colher o máximo de informações possíveis. Os critérios de escolha dos primeiros moradores ocorreu pelo conhecimento já existente de quem eram esses pioneiros da cidade, com pessoas entre 70 e 90 anos. As perguntas enviadas aos informantes foram: Você conheceu o senhor (nome da pessoa homenageada)? Quais foram as razões para colocarem seu nome em uma das ruas de São Félix do Tocantins? Se não sabe ao certo por qual motivo essa nomeação foi precedida, qual foram as suas contribuições no processo de formação da cidade? Ele(a) exerceu algum papel político em algum momento? Dessa forma, obteve-se não só informações acerca dessas pessoas, mas também da história local, o que não foi necessário fazer perguntas específicas, as informações surgiram no decorrer da conversa.

Esse levantamento histórico e bibliográfico foi de suma importância para elaboração deste trabalho, visto que serviu de suporte para análise, compreendendo as motivações toponímicas que embasam as nomeações das ruas de São Félix. Além disso, foi relevante também para compreensão de quais referências socioculturais tiveram essas pessoas no processo de formação da cidade, que justifiquem as homenagens por meio da nomeação dessas ruas.

Além do mais, este trabalho fundamentou-se nas contribuições teóricas de autores como Guiraud (1980) e Ullman (1964) que tratam da semântica, bem como o signo linguístico; para exploração da estrutura etimológica dos topônimos utilizou-se dicionários etimológicos de Cunha (2007), Houaiss (2001) e Guérios (1981); em se tratando da Toponímia como disciplina da Onomástica, fundamentou-se, principalmente, em Dick (1990; 1992); Dias (2013; 2016) e Solís (2018); e para construção da história do processo de formação de São Félix do Tocantins, utilizou-se as informações tecidas no momento das entrevistas com alguns moradores do município, bem como o censo comum do IBGE (2020). Vale ressaltar que, para a construção do processo de formação da cidade, a memória oral foi de suma importância, pois não se teve suporte documental bibliográfico que auxiliasse nessa construção, e essas histórias só foram resgatadas por meio das memórias e lembrança dos moradores. Essa perspectiva da memória oral está fundamentada em Le Goff (1924), Joutard (2000) e Halbwachs (2003).

A análise teve foco no levantamento das motivações socioculturais, históricos e geográficos que fundamentaram os topônimos que nomeiam as ruas de São Félix do Tocantins. Desse modo, utilizou-se o modelo taxonômico desenvolvido por Dick (1990, 1992), em que os fatores motivacionais se dividem em 27 taxonomias, 11 de natureza física e 16 de natureza

antropocultural. E para compilação dos elementos de análise, optou-se pela utilização da ficha lexicográfica-toponímica de Dick (2004), e adaptada para os propósitos desta pesquisa.

Quadro 4 - Modelo de ficha lexicográfico-toponímica

Localização – Município:
Topônimo: _____ A.G.: _____ Taxionomia:
Etimologia _____
Entrada Lexical:

Estrutura morfológica:

Histórico: _____
Informações enciclopédicas:

Contexto: _____
Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor:
Data de Coleta:

Fonte: Dick, 2004, p. 130

A partir dessa ficha lexicográfico-toponímica, houve a necessidade de adaptá-la às necessidades da análise desta pesquisa, considerando os elementos essenciais para descrição, interpretação e classificação dos dados, e acrescentando outros com essa mesma finalidade. A saber:

Quadro 5 – ficha lexicográfica-toponímica adaptada de Dick (2004)

Topônimo	Nome da pessoa homenageada	Classificação	Motivação toponímica	Taxonomia	Etimologia

De acordo com as considerações da autora, a interpretação desses elementos podem ser entendidos da seguinte forma:

Topônimo: refere-se ao nome da rua conforme está no mapa;

Nome da pessoa homenageada: refere ao nome da pessoa em que esse nome pertence;

Estrutura dos Antropotopônimos: refere-se à formação desses topônimos, se por prenome, hipocorístico², alcunha ou apelido de família, que no Brasil é conhecido como sobrenome;

Motivação toponímica: refere-se às possíveis motivações que levaram à escolha do topônimo;

Taxonomia: refere-se à categorização de Dick (1990;1992), se é de natureza física ou antropocultural;

Etimologia: refere-se à origem dos topônimos, conforme os dicionários etimológicos.

Na análise, essa ficha foi utilizada para apresentar todos os topônimos com todos os elementos, optando por não apresentar uma ficha para cada topônimo. Assim, esses topônimos foram organizados em ordem alfabética do prenome. A partir dessa ficha lexicográfica adaptada, no próximo capítulo, apresenta-se a análise dos topônimos.

² Palavras criadas ou nomes modificadas, como forma de carinho. Geralmente, são utilizadas em tratamentos familiares ou amorosos.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise e discussão dos resultados obtidos nesta pesquisa, ancorada em uma abordagem qualitativa, em se tratando das classificações toponímicas dos topônimos encontrados nos nomes de 14 ruas do município de São Félix do Tocantins. Esta análise foi realizada com o intuito de evidenciar as motivações que influenciaram na escolha desses topônimos. Desse modo, apresenta-se, primeiramente, o quadro com todos os topônimos analisados, bem como todos os dados coletados para auxiliar nos resultados da pesquisa.

Quadro 6 – Classificações toponímicas dos nomes das ruas de São Félix do Tocantins

Topônimo	Nome da pessoa homenageada	Estrutura dos antropotopônimos	Motivação Toponímica	Taxonomia	Etimologia
Rua Augusto Bittencourt	Augusto Bittencourt	Prenome + apelido de família	Contribuição em venda de produtos na cidade, e criação das primeiras estradas do município	Antropotopônimos	Augusto: <i>adj.</i> ‘respeitável, venerando’. O nome Augusto é de origem latina <i>augustus</i> , de <i>augur</i> , que significa ‘consagrado pelos áugures’ ‘empreendido com bons augúrios’. (CUNHA, 2007). Bittencourt: Conforme Guérios (1981), Bittencourt é um sobrenome que tem sua origem ligada a Portugal, normandos.
Rua Cantalício Ribeiro Rodrigues	Cantalício Ribeiro Rodrigues	Prenome + apelido de família + apelido de família	Ajudava, financeiramente, pessoas que passavam necessidade na época que São Félix começou a desenvolver	Antropotopônimos	Cantalício: Ribeiro: sobrenome do português toponímico: “riozinho” (Guérios, 1981) Curso de água de pequena extensão. (Houaiss, 2004)

			enquanto município.		Rodrigues: sobrenome português, derivado do nome Rodrigo (GUÉRIOS, 1981). Curso de água de pequena extensão. (Houaiss, 2004)
Rua Carlos Patrício Ribeiro	Carlos Patrício Ribeiro	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Prefeito interino da cidade, após o afastamento do prefeito nas eleições de 2000.	Antropotopônimos	Carlos: o nome Carlos deriva-se do latim <i>Cárolus</i> , e alto-alemão antigo <i>Kharal</i> : homem. No sentido primitivo do nome, <i>Karalmanm</i> , significa “viril, varonil, vigoroso”. (GUÉRIOS, 1981). Patrício: <i>adj.</i> Membro de classe nobre da antiga Roma; aqueles que possui atitudes nobres, diferentes. (Houaiss, 2004) Ribeiro: sobrenome do português toponímico: “riozinho” (GUÉRIOS, 1981). Curso de água de pequena extensão. (Houaiss, 2004)
Rua Claudino Ferreira	Claudino Ferreira	<i>Prenome + apelido de família</i>	Um dos pioneiros da cidade. Além disso, era fazendeiro e comerciante na região	Antropotopônimos	Claudino: diminutivo de Cláudio. Cláudio, do latim <i>Claudius</i> , que significa ‘coxo’. (GUÉRIOS, 1981) Ferreira: sobrenome português toponímico: significa “lugar onde há ferro; mina ou jazida de ferro” (GUÉRIOS, 1981).

Rua Climério Dias	Climério Dias	<i>Prenome + apelido de família</i>	Pioneiro ³ da cidade e comerciante, isto é, uma das primeiras pessoas que povoaram o município no período de sua formação.	Antropotopô- nimos	Climério: etimologia não encontrada. Dias: sobrenome português. Do genitivo latino <i>Didaci</i> (GUÉRIOS, 1981).
Rua Dalvina Vieira Reis	Dalvina Vieira Reis	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Primeira professora da cidade e filha do dono do primeiro cartório existente em São Félix	Antropotopô- nimos	Dalvina: Para Guérios (1981) esse nome classifica-se como o diminutivo do nome Dalva : “da alvorada, do alvor”, e faz referência também a expressão estrela d’alva ou planeta de Vênus. Vieira: De acordo com Guérios (1981), Vieira é um sobrenome português toponímico, do latim <i>Venaria</i> , derivado de Vena, que significa conduto, veio ou simplesmente fio de água ou metal. Para Cunha (2007), essa palavra tem o sentido de Venéreo, adjetivo relacionado a Vênus, deusa da formosura. Para Houaiss (2004), é um termo que se refere a uma concha de molusco, muito usado por romeiros, em seus chapéus.

³ Na cidade de São Félix do Tocantins, para destinar-se aos primeiros moradores da região, utiliza-se o termo pioneiro.

Rua Domingos Ribeiro	Domingos Ribeiro	<i>Prenome + apelido de família</i>	Juntamente com o senhor Hamilton Garcez, participou ativamente do processo de formação do município. Além disso, foi um dos primeiros vereadores.	Antropotopônimo-mos	Domingos: Segundo Guérios (1981), esse nome vem do latim Dominicus , que significa “nascido num domingo”. Ribeiro: sobrenome do português toponímico: “riozinho” (Guérios, 1981) Curso de água de pequena extensão. (Houaiss, 2004)
Rua Enoc Chaves	Enoc Chaves	<i>Prenome + apelido de família</i>	Antes de pertencer ao senhor Édson, pai de Dalvina Vieira Reis e morador do município, o primeiro cartório da cidade o pertencia. Além disso, era avô da primeira prefeita de São Félix.	Antropotopônimos	Enoc: Segundo Guérios (1981), Enoc tem o mesmo sentido de Henoque , que vem do hebraico Hanokh , significa “iniciado, consagrado”. Chaves: Segundo Guérios (1981), Chaves é um sobrenome toponímico, do latim (Aguas) Flavias , com o mesmo significado de “(águas) flavianas, de Flávio”.
Rua Hortência França Bittencourt	Hortência França Bitten-court	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Uma das primeiras moradoras da cidade.	Antropotopônimo-mos	Hortência: Feminino de Hortênsio. Para Guérios (1981), Hortênsio é um nome de origem latina, Hortensius, -a, que significa “o da horta, do jardim, jardineiro.” França: De acordo com Guérios (1981), França é um sobrenome português

					toponímico primitivo. Bittencourt: Bittencourt: Conforme Guérios (1981), Bittencourt é um sobrenome que tem sua origem ligada a Portugal, normandos.
Rua Inocência Francisco de Sousa	Inocência Francisco de Sousa	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Um dos primeiros que habitou no Prata, povoado próximo à localidade de São Félix do Tocantins.	Antropotopônimo-mos	Inocência: Do latim <i>Innocentius</i>: “inocente, inofensivo”. (GUÉRIOS, 1981) Francisco: Do latim medieval <i>Franciscus</i>, originado do germânico <i>Frank</i>, com o acréscimo do sufixo – <i>isk</i>, que significa “frânico, franco, francês” (GUÉRIOS, 1981) de: preposição portuguesa utilizada para acompanhar nomes e sobrenomes (GUÉRIOS, 1981). Sousa: Sobrenome português toponímico, do latim <i>Saxa</i>, que significa “seixos, rochas” (GUÉRIOS, 1981).
Rua Julião Rodrigues	Julião Rodrigues	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Contribuiu com construção da primeira escola do município	Antropotopônimo-mos	Julião: É a forma portuguesa semi-erudita de referir-se a <i>Juliano</i> (Guérios, 1981). Rodrigues: sobrenome português, derivado do nome <i>Rodrigo</i> (GUÉRIOS, 1981). Curso de água de pequena extensão. (Houaiss, 2004)

Rua Manoel Conceição da Silva	Manoel Conceição da Silva	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Um dos primeiros habitantes da cidade.	Antropotopô ni-mos	Manoel: Mesmo que Manuel, que é uma forma diferente de se referir a Emanuel. Conceição: nome português de origem cristã, geralmente, utiliza-se Nossa Senhora da ou Imaculada Conceição. Silva: é um sobrenome português toponímico, de origem latina, que significa selva ou floresta (GUÉRIOS, 1981).
Rua Raimundo Pugas Neto	Raimundo Pugas Neto	<i>Prenome + apelido de família + alcunha</i>	Um dos primeiros moradores da cidade.	Antropotopô ni-mos	Raimundo: do alto- alemão antigo Raginmund , que significa proteção do concelho (GUÉRIOS, 1981). Pugas: etimologia não encontrada Neto: esse termo é utilizado para distinguir nomes, quando o neto tem o mesmo nome do avô (GUÉRIOS, 1981).
Rua Santo Garcez	Santo Garcez	<i>Prenome + apelido de família + apelido de família</i>	Pai do senhor Hamilton Garcez, responsável pela criação do projeto de emancipação de São Félix. Além disso, era coletor geral da região.	Antropotopô ni-mos	Santo: do latim sanctus , que significa “santo”. Sobrenome italiano. Garcez: sobrenome português, originado de Garciez, patron.

Em primeira instância, entende-se que todos os topônimos analisados são de caráter motivado, pois todos os nomes das ruas de São Félix do Tocantins possuem um motivo ou razão do denominador para assim serem nomeadas. Ainda, na apresentação dos dados no quadro acima, compreende-se que todos os topônimos são formados por mais de um elemento formador, sendo prenome + apelido de família, prenome + dois apelidos de família ou prenome + apelido de família + alcunha, como propõe Dick (1992). No Brasil, esse tipo de formação do nome de pessoas é bastante comum, uma vez que o prenome é seguido do sobrenome da mãe e do pai.

Além disso, vale destacar que, apesar do chamamento ser rua Augusto Bittencourt, por exemplo, o topônimo analisado sempre será o que está posto após o termo *rua*, pois, de acordo com a referida autora, o termo utilizado para especificar a entidade nomeada é designado termo ou elemento específico (Augusto Bittencourt), enquanto o local ou entidade geográfica é denominada termo ou elemento genérico (rua).

Como já foi mencionado no início deste trabalho, esta análise diz respeito à motivação toponímica dos nomes das ruas de São Félix do Tocantins. Desse modo, os nomes de todas as ruas selecionadas são referente a nomes de pessoas, assim, de acordo com as taxonomias propostas por Dick (1990;1992), esses topônimos se enquadram na categoria de natureza antropocultural, classificados como antropotopônimos, que são nomes de lugares provenientes de nomes de pessoas, que, de certa forma, estão ligadas aos poderes, valores, feitos ou contribuições que não são expostos à comunidade. Posto isso, tomando como base essa teoria dickiana, depreende-se que todos as nomeações das ruas de São Félix do Tocantins tratadas neste trabalho tiveram um motivo pelo qual receberam esse nome. Para tanto, autoridades da época homenagearam pessoas que, de alguma forma contribuíram no processo de formação do município, incluindo os primeiros moradores que habitaram o local, os primeiros vereadores, comerciantes, dentre outros. A vista disso, infere-se que esses feitos são considerados “regra” para que ocorra esse tipo de nomeação, isto é, independente de qual seja suas contribuições, foi merecedora de destaque e, de certa forma, agradou aos olhos do denominador.

Com relação ao primeiro topônimo analisado, rua Augusto Bittencourt, a motivação toponímica dessa nomeação deu-se pela contribuição do senhor Augusto Bittencourt para a cidade de São Félix no início de sua emancipação. Nos primórdios de sua independência, no sentido de deixar de ser distrito de Novo Acordo – TO, São Félix passou a ser povoada por várias pessoas que vieram de fazendas vizinhas para agruparem no local. Nessa perspectiva, esses trabalhadores rurais, que viviam de plantação, traziam seus produtos de suas propriedades para serem vendidos na cidade. Assim, o senhor Augusto Bittencourt era um dos desses

agricultores que plantavam mantimentos e vendia na cidade como forma de ajudar, visto que viviam em tempos difíceis e não havia a comercialização legal de produtos. Ademais, preocupou-se em facilitar o trânsito das pessoas que vinham do município de Novo Acordo, e criou os primeiros roteiros de estradas, popularmente conhecidos pelos moradores como picadas.

Ao olhar para os primórdios da estruturação e desenvolvimento de São Félix, percebe-se que as contribuições do senhor Augusto foi de suma importância e que, homenageá-lo, foi um ato merecido, por todos os feitos deixados por ele. São Félix é um município novo, que fica no interior do Estado. As dificuldades para se viver no local sempre existiu, devido às dificuldades de acesso pelas estradas. Assim que foi consolidada como município, São Félix ainda necessitava de muitos meios que facilitassem a sobrevivência dos moradores, dentre esses meios, pode-se destacar as estradas para transporte, principalmente, de alimentos. Nessa época, o único meio de transporte eram animais como cavalos e mulas (burros), então não havia comercialização ainda.

Dentre essas pessoas homenageadas, tem-se também os senhores Claudino Ferreira e Climério Dias, que também trabalhavam comercializando produtos na cidade. Vale ressaltar que os comerciantes tiveram um papel muito importante para a comunidade do município de São Félix. Hoje, os moradores têm um grande respeito e admiração por aqueles que lutaram pela emancipação e consolidação da cidade, visto que ainda era um distrito e não tinha sua própria independência. Mas, além desses personagens que fizeram história e lutaram para que São Félix se tornasse quem é hoje, deve-se destacar, por igual, aqueles que contribuíram para o desenvolvimento econômico da época, os comerciantes.

Nessa perspectiva, compreende-se que a abertura das primeiras estradas ou picadas, como é conhecida na região, foi uma ponte para que a comercialização chegasse ao local, como também a facilidade de se deslocar de uma cidade à outra. Além disso, tem-se a razão para a nomeação dessa rua não só pela abertura dessas estradas, como também a venda de produtos na região. Se é verdade que não tinha comercialização legal na época e nem estradas para transporte, também é verdade que os comerciantes ambulantes foram fundamentais para o desenvolvimento do município, uma vez que os moradores sobreviviam das vendas que esses lavradores plantavam e comercializavam.

Nesse contexto de comércio, o senhor Claudino Ferreira também teve suas contribuições. Ele e sua família moravam na fazenda Brejão, localizada também na região do Jalapão, próximo à São Félix. Com a emancipação do município e a necessidade de povoamento na região, muitas famílias de fazendas próximas mudavam-se para ocupar o território. A família

Ferreira fez parte dessas pessoas que deixaram suas fazendas para povoarem São Félix do Tocantins. Nesse sentido, o senhor Claudino Ferreira se destacou por ser um dos pioneiros da cidade, por ser pai de uma das autoridades, o primeiro delegado da época, e, principalmente, pela contribuição em vendas de alimentos rurais.

Em continuidade, tem-se também o senhor Cantalício, que nomeia a rua Cantalício Ribeiro Rodrigues. Como São Félix ainda estava em processo de formação, muitas pessoas vinham de outras regiões para habitar o local. Assim, como tudo que se inicia encontra dificuldade, as pessoas chegavam à cidade sem suporte nenhum. Posto isso, na época, havia um senhor que era considerado o homem mais estruturado da região, financeiramente falando, e ajudava essas pessoas que chegavam para habitar São Félix. Esse homem era conhecido como Salustiano Ribeiro da Silva e era avô de Cantalício. Não se tem evidências de que forma direta o senhor Cantalício contribuiu nesse processo, mas sabe-se que ele auxiliava muitas pessoas na época, no que diz respeito à escrita e envios de cartas. A motivação de ter sido homenageado, nomeando uma das ruas de São Félix pode ter partido da perspectiva de que era neto de um dos homens que mais acolheu pessoas em um momento de povoamento da cidade.

De outro modo, outro homenageado foi o senhor Climério Dias, pioneiro natural de Bom Jesus do Piauí. Inicialmente, casou-se com a tia da primeira prefeita da cidade e morou, inicialmente, na região do Por Enquanto, localidade onde se concentra um bom número de fazendas. Mais tarde, mudou-se para a fazenda Mandacarú, situada próximo à serra da Catedral. Além de ser um dos pioneiros da cidade, o senhor Climério Dias tornou-se bastante conhecido pela numerosa família que construiu. Além do mais, em vida, tornou-se um grande fazendeiro, e vendedor ambulante. Assim, plantava alimentos para vender, e complementava a venda com mercadorias que buscava em sua terra natal, Piauí. Outros pioneiros⁴ que tiveram seus nomes atribuídos às ruas de São Félix do Tocantins foram Hortência Bittencourt, que era irmã do senhor Augusto Bittencourt, Inocêncio Francisco de Sousa, Manoel Conceição da Silva e Raimundo Pugas Neto. Nesse contexto, identifica-se um elevado grau de enaltecimento do pioneirismo sobre as ruas de São Félix do Tocantins, isto é, não só poderes políticos foram levados em consideração nessas nomeações, mas também a valorização do início da história da cidade, bem como dos primeiros moradores que habitaram o município.

Esse pioneirismo torna-se importante nessas circunstâncias, devido primeiro agrupamento que se deu nessa localidade. Antes da emancipação de São Félix, a cidade já existia, mas não tinha uma quantidade “generosa” de moradores, já que para se constituir uma

⁴ Primeiros moradores de São Félix do Tocantins

cidade, primeiramente, é necessário que ela seja povoada, habitada, e, por isso, essa relevância. Ainda nesse contexto, observa-se que essas homenagens foram bem colocadas nessas nomeações pelos feitos de cada morador que ficaram na lembrança da comunidade, mas, de outro modo, essa postura é contraditória no sentido de que nem todos os moradores que hoje residem na cidade tem conhecimento sobre quem, de fato, foram essas pessoas. Todas as autoridades que ocuparam a vaga de Gestor Administrativo não se preocupam em documentar essas informações e liberar acesso à comunidade. Não faz sentido homenagear uma pessoa pelos seus feitos em tempos passados, e não tornar isso público para que todas as gerações tenham conhecimento sobre esse fato histórico.

Ainda nesse processo de desenvolvimento, Manoel Conceição da Silva, juntamente com o seu Julião Rodrigues e Domingos Ribeiro, construíram uma pequena escola, com capacidade mínima de alunos, para atender às pessoas que já residiam na cidade. Desse modo, após a construção, e formação da primeira turma, contrataram a primeira professora, a senhora Dalvina Vieira Reis, que também teve o seu nome atribuído à rua de São Félix do Tocantins.

Agora, partindo de um contexto histórico em que envolve motivações ligadas ao contexto de formação no que diz respeito a essas pessoas como moradores, nesse momento as motivações passam para um contexto político que é bastante transparente nessas nomeações. A exemplo, tem-se a rua Carlos Patrício Ribeiro, que se refere ao senhor Carlos Patrício Ribeiro, morador do povoado Prata (Comunidade quilombola da região), próximo à São Félix. A motivação toponímica para nomeação dessa rua é devido o senhor Carlos Patrício ter sido vice-prefeito em 2000, assumindo ao cargo de prefeito interino da cidade por 6 meses, substituindo o gestor municipal que havia se afastado do cargo para concorrer a um novo mandato de eleições.

Ademais, tem-se a rua Enoc Chaves que também deixa explícito uma relação política em sua motivação toponímica, como ocorre em todo nome de rua. O senhor Enoc Chaves era avô da primeira prefeita eleita em São Félix, além disso, foi o primeiro oficial do cartório de registro civil, cartório esse que hoje está situado no município de Novo Acordo, atendendo as demandas dos municípios vizinhos. Ao analisar os dados, pode-se compreender que, como a sua neta foi a primeira prefeita da cidade, a governou por dois mandatos e acompanhou boa parte desse processo de formação do município, pode-se concluir que algumas ruas foram nomeadas por ela. Posto isto, o seu poder de autoridade política pode ter interferido diretamente na escolha dessa nomeação, o que vai além dos feitos do senhor Enoc Chaves. Além do mais, esse senhor tinha uma numerosa família, inclusive, tinha parentesco com o senhor Cantalício Ribeiro, o que também pode ter recebido influência da prefeita na nomeação da rua.

Por fim, tem-se a rua Santo Garcez. O senhor Santo Garcez era pai de Hamilton Garcez, o considerado fundador do município, o que se torna um equívoco, pois, ainda que como distrito de Novo acordo, essa povoação já existia. Sua contribuição ocorreu pelo fato de criar um projeto de lei que emancipasse o distrito. Diante disso, no município de São Félix do Tocantins, o respeito e admiração pelo senhor Hamilton por todas as suas contribuições são muito valorizados pelos moradores.

Perante o exposto, conclui-se que lembrar dos feitos dessas pessoas e resgatar essas memórias são atitudes que atendem o que propõe Le Goff (1924). Para ele, a memória tem um papel importante na ausência de documentos considerados oficiais, para comprovar algo. Algumas dessas pessoas citadas acima tiveram suas histórias e seus feitos esquecidos no decorrer do tempo e, além disso, foram informações que muitas vezes não foram enaltecidas e contadas aos novos moradores que iam povoando a cidade. Com isso, a memória oral, a conversa sobre as contribuições dessas pessoas fizeram com que essas informações fossem resgatadas na memória desse povo.

O desenvolvimento desta análise lembra ainda outros apontamentos feitos por Dick (1990), quando destaca as dificuldades que se tem de encontrar a intencionalidade de uma nomeação quando não se tem a presença da pessoa que nomeou e quando não há vestígios de documentos que comprovem tal denominação. Neste trabalho, essas dificuldades foram vivenciadas, uma vez que algumas pessoas que fizeram parte dessas nomeações não estão em vida.

Com relação ao tipo de nomeação, analisando os topônimos acima, observou-se que todos estão inseridos nas nomeações que são impostas por autoridades, conforme aponta Dick (1990). Por mais que essas pessoas homenageadas tenham sido merecedoras de terem seus nomes nas ruas de São Félix do Tocantins e, posteriormente, isso tenha sido aceito pela comunidade a que pertence, no ato da nomeação, esse consentimento não foi considerado, no sentido de os moradores participarem da escolha dos nomes, pelo contrário, as autoridades escolhiam as designações, seja por motivos políticos, de homenagem à familiares ou por outras contribuições de cada uma dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo o estudo sobre as motivações dos topônimos com nomes individuais (antropotopônimos) que nomeiam as ruas do município de São Félix do Tocantins. Para tanto, fez-se, inicialmente, uma abordagem sobre a Toponímia, uma das disciplinas da Onomástica que estuda os nomes de lugares, bem como sobre a antropotoponímia, uma das taxonomias propostas por Dick (1990;1992), no qual esta pesquisa está inserida. Além disso, fez-se uma contextualização acerca do processo de formação da cidade, para compreender como ocorreu esse período e quais foram as contribuições dessas pessoas para o desenvolvimento de São Félix enquanto cidade.

Nesse sentido, para compreender como se deu esse processo de formação histórica do município, o principal método utilizado foi a memória oral, visto que todas as informações tecidas foram estabelecidas a partir de conversa com moradores do local, que participaram desse período desde o início. Nessa etapa, a memória oral teve um papel fundamental no que diz respeito ao resgate das memórias e lembranças dos feitos dessas pessoas que já morreram, mas que de alguma forma foram merecedoras de terem seus nomes homenageando as ruas de São Félix. Desse modo, essas histórias poderão ser lembradas não só pela comunidade atual, mas também para as gerações futuras.

De acordo com a pesquisa, os resultados obtidos apontam que essas nomeações partiram de outras motivações. Uma delas foi o desejo de homenagear os primeiros moradores da cidade, ainda quando estava em formação. Outro motivo foi o de homenagear aquelas pessoas que introduziram o comércio no local, uma vez que a cidade ainda estava em crescimento e essas vendas fizeram total diferença para sobrevivência dos moradores. De outro modo, sobressaíram, também, aqueles que contribuíram para construção de escolas, estradas, bem como primeiro vereador e professora. Além dessas motivações, tiveram duas que tiveram influências de familiares que tinham cargo político, isto é, estavam no poder e tiveram a oportunidade de homenagear seus parentes.

No que diz respeito à criação das primeiras estradas na região, isso era muito valorizado na época devido à grande dificuldade de acesso à cidade, isso porque as estradas que já tinham eram apenas para passagem de animais. Além do mais, a abertura dessas estradas foi um divisor de águas para introdução do comércio legalizado, visto que o comércio já existente era de vendedores ambulantes, isto é, as pessoas saíam de com seus produtos produzidos em suas próprias fazendas, para vender de casa em casa.

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, muitas sensações foram sentidas. Como o próprio título desse trabalho diz, a Toponímia possibilitou um olhar diferente sobre um acontecimento que para a comunidade local era considerado comum. As ruas de São Félix do Tocantins, assim como qualquer outra designação de uma entidade geográfica, trazem não só uma simples nomeação, mas também um acúmulo de significações e motivações para assim serem denominadas.

No passo em que foi um trabalho desafiador, foi também satisfatório poder contribuir para propagação dessas histórias e feitos que ficaram esquecidas por muito tempo. Por ser o primeiro trabalho produzido na área da Toponímia, relacionada à cidade de São Félix do Tocantins, no que diz respeito às motivações dos nomes das ruas, a relevância desse estudo torna ainda mais evidente.

Nesse sentido, a partir do percurso metodológico desse trabalho para realização da análise, compreende-se que, apesar dessas pessoas terem exercido um papel importante na cidade, hoje, essas contribuições são “camufladas” no sentido de não tornar público, seja por documento ou trabalhos da área. Muitos moradores não têm conhecimento sobre o real motivo dessas pessoas receberem essas homenagens.

A partir dos resultados obtidos, conclui-se que as perguntas propostas no início deste trabalho foram atendidas, no qual as nomeações tiveram fatores sociais, políticos e históricos que motivaram a escolha dos nomes das ruas de São Félix do Tocantins. Além disso, a hipótese levantada de que essas ruas nomeadas com nomes de pessoas seriam decorridas de contribuições exercidas por cada morador que recebeu essa homenagem. Logo, os objetivos traçados no princípio deste trabalho foram alcançados, no qual obteve-se respostas para a motivação dos nomes de todas as ruas, com nomes de pessoas, do município de São Félix do Tocantins.

Posto isto, espera-se que esse trabalho contribua como documento público, com intuito de acrescentar em informações históricas acerca dessas pessoas e também da cidade de São Félix do Tocantins. Além disso, espera-se que sirva de suporte não só para a comunidade atual, mas também para outras gerações futuras, dado que é de suma importância que moradores de um determinado local tenha conhecimento sobre a história tanto do lugar, como também dessas pessoas que estão envolvidas nesse processo.

REFERÊNCIAS

- BASILIO, M. **Teoria Lexical**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CARVALHO, F. A. **Entre a palavra e o chão: memória toponímica da estrada real**. São Paulo: USP, 2012. 534 p. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de pós-graduação em Semiótica e Linguística, Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.
- CARVALHINHOS, P. J. Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. **Anais**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.
- CUNHA, G. A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- DIAS, A. L. C. **Toponímia dos primeiros municípios tocantinenses**. Goiânia: UFG, 2016. 210 p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- _____. Um olhar histórico-etimológico acerca do topônimo Caturai. **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1, Uberlândia, 2013. p. 1-12.
- DICK, M. V. A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (orgs). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2004. Vol. 2.
- _____. **Toponímia e Antroponímia: coletânea de estudos**. 3. ed. São Paulo: FFL/USP, 1992.
- _____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.
- GUIRAUD, P. **A semântica**. Tradução e adaptação por Maria Elisa Mascarenhas. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1980.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria Ltda, 1981.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HOUAISS, A. et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesas**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2001.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO. **Cidades do Tocantins**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/sao-felix-do-tocantins/historico>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

_____. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-felix/panorama>>. Acesso em: 11 jun. 2021

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. Ed. Campinas: Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Org(s) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31 – 42.

SOLÍS, G. V. Prefácio. In: AGUIAR, Maria Sueli de; CASTRO, M. C. D. de; DIAS, A. C. **Onomástica e a identidade do homem**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2018.

SOUSA, A. M.; MARTINS, R. M. A motivação toponímica na escolha dos nomes geográficos de origem indígena da zona rural da regional do baixo Acre. **Revista Tropos**, v. 6, n. 2, dez. p. 01-16, 2017.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução a ciência do significado. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs). **História oral. Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.